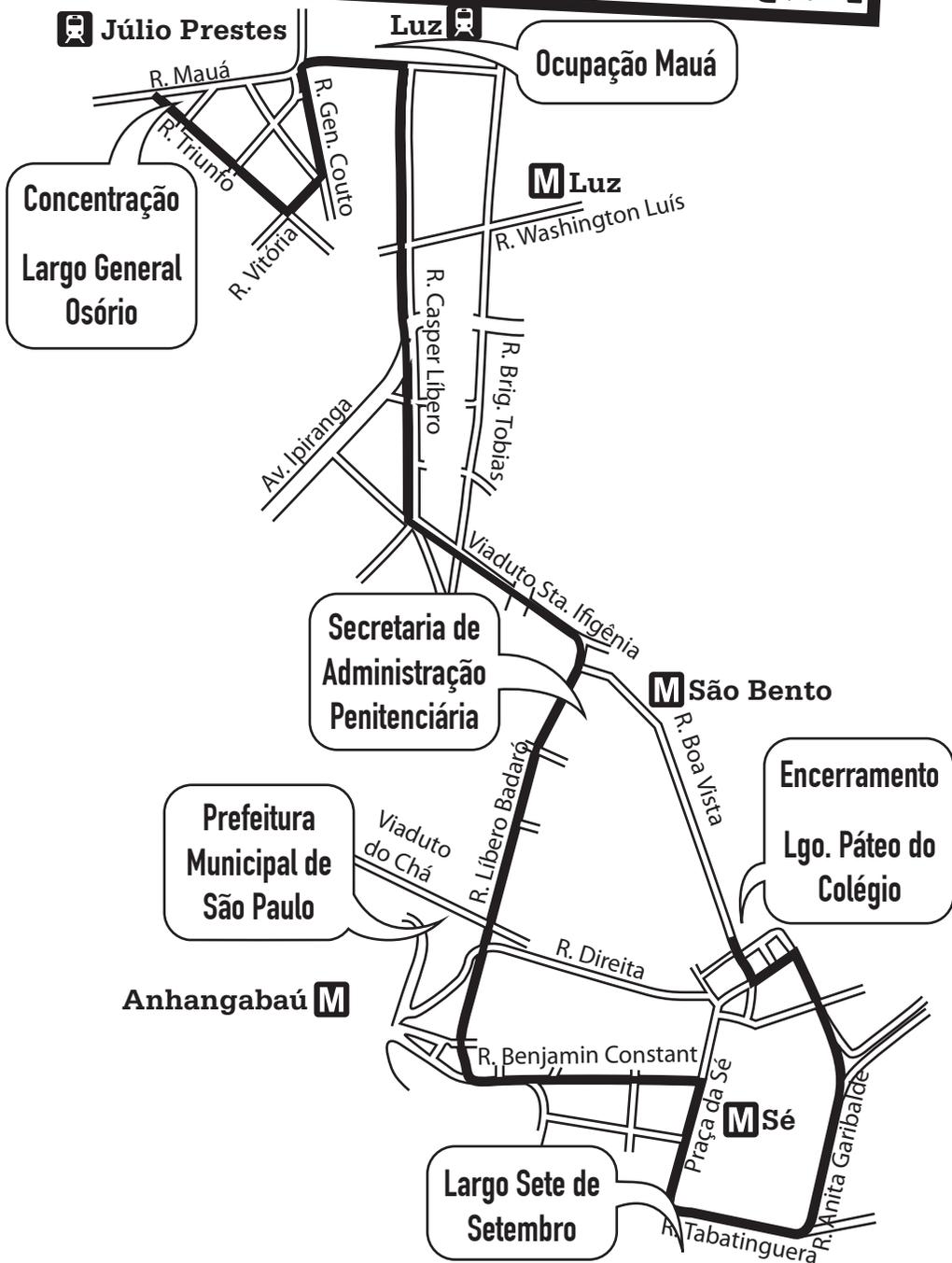


# As ruas são para lutar!



# CARNAVAL DA MENTIRA 2015

## CONDENADXS DA TERRA!

### FREVO DA "FALHA"

(Cuca e Everaldo)

É bala em vez de chibatada  
Mandado em lugar de feitor  
Emoldurando a senzala  
A casa grande se enfeitou

Além de fazenda a fachada  
À banca o poder se aliou  
Modernizando a curriola  
Integrando ao luxo o traidor  
Pensando que quem está de fora  
Desconhece a luta e o destemor

Notícia ocultando a corja  
No rádio e televisor  
Realidade imaginária  
Eternizando em show o horror

Versão negando o pau-de-arara  
Desdém por quem de nós tombou

Mas hoje ocupando a praça  
Sem juiz, censor ou editor  
Valendo mais que mera errata  
A gente desmascara convertido e enganador

Pára de mentir, canalha  
Para admitir a "Falha"  
Pára de omitir que a dita foi dura demais

Pára de fingir que é justa  
Pára de fugir do Ulstra  
Para difundir a farsa impressa nos jornais

### CAMARADA LAMPIÃO

(Renato Martins e Roberto Didido)

Quando o bambu quebrou no meio  
Camarada Lampião  
Quando o bicho pegou feio  
Era só disposição  
Vou citar nesse ponteio, morô?  
Helenira e Osvaldão  
Heróis do meu Brasil  
Aquele geração  
Não combateu em vão  
Bandeira sacudiu  
E a nossa geração  
Não esqueceu a luta não

Você aí  
Vendo o circo passar na janela  
A versão corrompida na tela  
Não convence o coração  
Diz aí  
Não ouviu falar em Marighella? ...  
Nunca entrou numa favela? ...  
Prefere não dar opinião

É melhor começar a pensar numa nova saída  
Naquele moleque sem lar  
Nos trabalhadores sem terra  
Minha gente sofrida

Entrar de cabeça na briga  
É a pedida pra ganhar  
De que lado está você?  
De que lado?, eu quero ver!  
Meu Bloco vai cobrar

### RESCALDO

(Everaldo Efe Silva)

No rescaldo da imaginação  
Cede a noite ao clarão, sua rotina por fim  
Vem em cada passo, degrau em degrau  
Na viela, é fatal, mais alguém sucumbiu  
Vai e em silêncio guarda a dor com pesar  
Um de seus que desandou sem pensar  
Quando a quebrada não finda na esquina  
Desejo se cruza com sina  
Mas morte sem vida não há de vingar

No reverso do lar, prestação  
Posa de educação o desprezo mais vil  
Vem embalando mais que obrigação  
Toda humilhação, exigência servil  
Sai e em engolindo a seco, foi  
Veja lá, no relógio seis e então vai voltar  
Na revolta adiada a saída  
As mãos calejadas da lida  
Mas morte sem vida inda há de penar

Chega e desbanca o medo e o fel  
Diz por repente qual é o cordel  
Desvão da alma num fio  
De tempo qual desvario

Vai cantar com os seus  
Olhar para os seus  
Vibrar pelos seus  
Batucar

**BATALHA FINAL D'UM BRAVO BRIGANTE**  
(Serginho Poeta, Everaldo F. Silva e Selito SD)

Nos metros a frente a fria coluna  
Por entre os escudos eu vejo uma fresta  
E sigo em frente, pois pouco me resta  
Sou só uma peça na grande comuna  
Reúna seus homens, reúna, reúna. . .  
Novos dias me acenam do lado de lá  
Pouco me resta, já não tenho sono  
Já não tenho medo, já não tenho dono  
Só tenho a vontade de continuar  
Com sangue no rosto e brilho no olhar.  
Comuna e coluna postadas bem perto  
Lá da barricada já fiz o que pude  
Com tripa de mico e bolinha de gude  
Por entre os escudos achei descoberto  
Grosso supercílio que deixei aberto  
Montado em exemplo de gente da gente  
Não mais me abala a mais cruel cena  
Nem mais uma bala fará com qu'eu tema  
Seja de borracha, seja chumbo quente. . .  
Por entre os escudos eu miro um temente  
Vou partir pra riba, no saci virado  
Vou partir na fé de meu santo e meu povo  
Se eu cair. . . Levanto e me atraco de novo  
Vou pela quebrada, vou "quilombolado  
Por entre os escudos. . . Zumbi do meu lado.  
Se eu cair. . . Levanto e me atraco de novo

**QUEM TORTUROU O ZÉ?**  
(Zé e Catarina)

O que restou da ditadura no Brasil?  
É quase tudo, até o fuzil!  
O empresário e a mídia encobriu  
Uma mentira lá em abril!  
E se a verdade agora deve ser contada  
Melhor é ir pra rua e lembrar dos camarada  
No meio do cordão a mentira é escancarada  
Que a democracia é marmelada!

Quem torturou o zé?  
Foi os gambé, foi os gambé!  
Quem perseguiu o Zico?  
Foi os milico, foi os milico!

**SANGRIA DESATADA**  
(Selito SD)

Passa a noite e vem o dia  
Passa o dia e vem a noite  
Segue a saga de agonia  
Segue a sina do açoite

Passa o dia e a noite passa  
Passa noite e o dia corre  
Segue o martírio; a desgraça  
Sangue do negro inda escorre

Sangue da gente do samba  
Boi, candomblé e congado  
Não há conversão que estanque

Sangue da gente que é bamba  
Coco, embolada e xaxado  
Maracatu, jongo ou funk

**QUEM MATOU INÊS?**  
(Selito SD)

Agitado dia na periferia  
Da dona injustiça pretensa morada  
Do disse-me-disse à pancadaria  
Não foram mais que três palavras trocadas  
Generalizada foi a correria  
Foi intensa a troca de tapa e pernada  
Juro se pudesse erradicaria  
Toda violência de toda quebrada

Só após seis horas chegou a polícia  
Esmurrando e dando chutes na porta  
Que coisa absurda mas não fictícia  
Deu tremenda surra no zé perna-torta  
Que, por já ser finda a batalha, à milícia  
Gritou: "com o pobre ninguém se importa  
Outra vez não chegaram em hora propícia  
E agora já é tarde, pois inês é morta"

Se inês é morta diga quem matou inês  
Se inês é morta diga quem matou inês  
Quebraram o zé perna-torta  
E o jogaram no xadrez  
Se inês é morta diga quem matou inês  
Se inês é morta diga quem matou inês

**MÃE DE MAIO**  
(Selito, Everaldo e Thiago)

Eu já perdi a esperança, juventude  
Eu já perdi minha luz, minha alegria  
Resta o altar com o sorriso do meu guia  
Meu menino tão suspeito pra vocês

Ele é meu anjo e eu rezo todo dia  
Não é pra deus, nem pra santo, ave maria  
É só pra ele trazer mais esperança  
Dos pequenos renascerem na bonança

Eu já falei que não quero mais vingança  
A guerra que eu quero é das almas dos meninos  
O fogo que arda e incendeie o rico imundo  
E ilumine com sua chama um novo mundo

Que em algazarra os guris assassinados  
Possam voltar e cantar os chacinados  
Que nosso sangue escreva nova história  
E ocupe o esquecimento com memória

**MEU CANTO**  
(Thiago B Mendonça e Selito SD)

Faço samba sobre a dor  
De um povo bravo e forte  
Teço prosa sobre a vida  
Luto imagens contra a morte

O meu canto, minha arma  
Faço samba sobre a guerra  
Do pequeno contra o grande  
Deste povo de Sem Terra

Faço banzo deste canto  
Dos batuques e senzalas  
E da vida interrompida  
Morta a tiros numa vala

Faço samba pro meu povo  
Sua luta e sua história  
Zambi queira que um dia  
Seja só uma memória

**VOZ GERAL**  
(Renato Martins e Everaldo F. Silva)

Um dia eu hei de ver o fim dessa agonia  
A minha gente cheia de alegria  
Fazendo em paz seu carnaval  
Depois, passado o tempo da melancolia  
Encher as ruas da cidade  
Com cantos de amor e liberdade  
E aí quando esse dia chegar  
Meu povo enfim, despertar  
Num levante triunfal  
É que eu quero ver  
onde é que é vai se esconder  
Quem nos causou tanto mal  
O medo vai trocar de lado  
Quando sentir consternado a força da voz geral  
Em lugar de abatimento  
Sonho no semblante  
Sem rancor nem desespero  
O nosso olhar adiante  
Quem da ilusão ao desalento  
Resistindo forja o tempo, inflama  
Traz do suor o argumento  
Da geral a voz, a vida, a chama

**CARNAVAL QUE NÃO SAIU**  
(Renato Martins e Roberto Didio)

Eu sou a lança Tupi  
O tambor africano  
O cantar dos terreiros  
Orgulho nordestino

Tenho sangue cigano  
Eu sou velho e menino  
Sou quem não tem paradeiro  
Eu sou a mão estendida  
Sou a dor e a ferida  
No coração do Brasil  
Eu sou a corrente partida  
Festa colorida  
De um carnaval que não saiu

**DOCE ROTINA**  
(Fábio Goulart)

Um corpo que cai.  
A vida escoo  
Com sangue que sai,  
Inda o grito ecoo

A mãe que lamenta  
O filho que parte.  
Na cena sangrenta  
Não existe arte

Não há compaixão  
Em ninguém que passa:  
— deve ser ladrão,  
Se vê pela raça.

É só mais um dia  
Sem dignidade  
Na doce rotina  
Da grande cidade.

**EM DIAS DE GUERRA**  
(Fábio Goulart e Maurinho de Jesus)

E após fartos gritos a boca se cala  
Com o zunir da bala que o alvo atingiu  
Foram os malditos de armas em riste  
Na cena mais triste que o olho já viu

Como não bastasse  
indignidade,  
Cruzou a cidade "rastada" no chão  
É a negra face, vexada, pra vala  
Deixando a senzala voltou pro porão

Em dias de guerra é assim  
Desde o fim da escravidão

Ceifando outra vida, rasgando outro peito  
Mudando outra sorte, é sempre suspeito  
Se corre é bandido, se fica é finado  
Correndo ou caído, já nasceu julgado

Em dias de guerra é assim  
Desde o fim da escravidão

**SANTA EFIGÊNIA E SEUS PECADOS**  
(Thiago B Mendonça e Selito SD)

Nascida com nome de santa e tantos pecados  
Vem carregando desde sempre uma pesada cruz  
Lugar da boemia, do samba e o pranto musicado  
O choro que é d'alma e que acalma diante da Luz

Faz parte da sina o Triunfo, o cinema de outrora  
Com suas ingênuas meninas cheias de ilusões  
Ouvindo, ao darem-se à tela ou num quarto d'Aurora  
O velho Adonirã cantando a Rua dos Gusmões

Disseram e dizem que ela não é mais a mesma  
Mas, penso que em sua essência mudou nada não  
Querem não o passado, a história da Santa Ifigênia

Disseram e dizem que ela não é mais a mesma  
Mas, penso que querem, de vez, é a desocupação  
Pôr fora a gente, as irmandades da Santa Ifigênia

**SOBRE OS GOLS DO TIME DO RUI COSTA**  
(Willian Lopes e Selito SD)

Que fita cabulosa no Cabula.  
Barbárie, violência, escrotidão  
Versão, a da TV, ninguém engula.  
Tem nada de verdade nessa bula.  
E é covardia a interpretação.

De sangue, a sede; de matar, a gula.  
Espalha dor, pavor e sofrimento.  
Aterroriza e a todos encabula.  
Tombaram o neto, arrimo, de Vó Sula.  
Mas nada cairá no esquecimento.

O capitão do mato ostenta a farda.  
Potente viatura é sua mula.  
E todo preto sabe o que lhe aguarda.  
Depois do: "mãos pro alto e não se bula"...  
Negreiro camburão, sem salvaguarda.

O capitão do mato, a besta mula.  
Ostenta agora viatura e farda.  
E grita: "mãos pro alto e não se bula"...  
E tudo quanto é roda então se amarga...  
De luto a Capoeira, o Samba e a Xula.